

Juliet Marillier

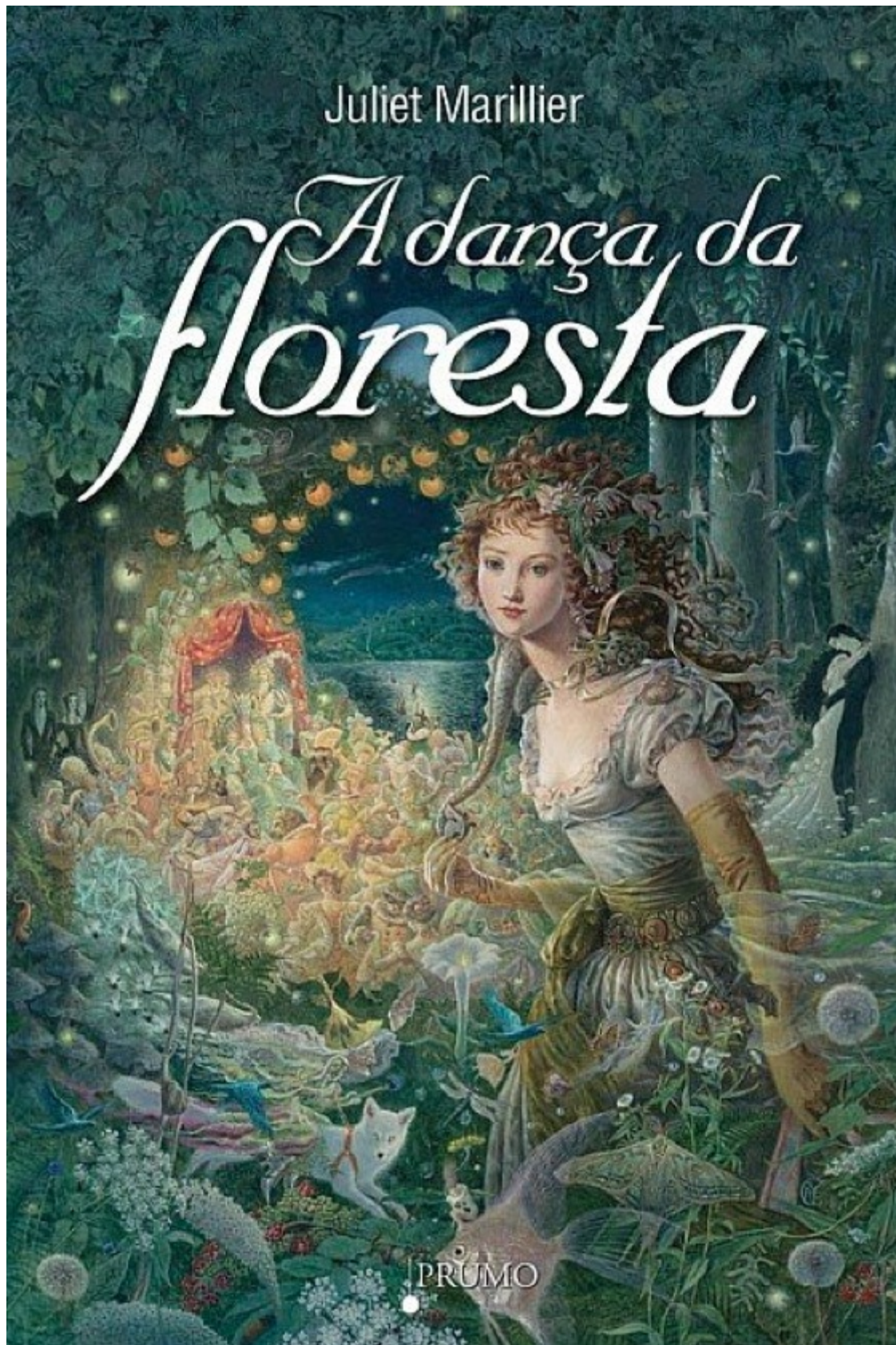
# A dança da floresta



Juliet Marillier

# A dança da floresta

PRUMO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



# Capítulo 1

Já ouvi dizer que meninas não sabem guardar segredos. Isso é mentira: nós somos a prova. Guardamos o nosso por anos e anos, desde que viemos morar em Piscul Dracului e encontramos o caminho para o Outro Reino. Ninguém sabia — nem papai, nem Florica, nossa governanta, nem Petru, o marido dela, nem tio Nicolae e tia Bogdana ou o filho deles, Cezar. Encontramos o portal quando Tati tinha sete anos e eu seis, e vínhamos indo e voltando por ele quase todos os meses desde então: nove anos de Luas Cheias. Tínhamos muitas maneiras de esconder nossa ausência, incluindo uma tranca em nosso quarto e a desculpa de que nossa irmã Paula às vezes tinha ataques de sonambulismo.

Na verdade, o segredo não era só nosso; Gogu também sabia. Mas mesmo que os sapos pudessem falar, Gogu jamais teria dito qualquer coisa. Assim que eu o encontrara sozinho na floresta, há muitos anos, confuso e machucado, soube que poderia confiar mais nele do que em qualquer pessoa no mundo.

Era Lua Cheia. No quarto, nossos vestidos e sapatos estavam preparados; bolsas e prendedores de cabelo haviam sido colocados ao lado deles. Nada seria tocado até que todos

os outros habitantes da casa estivessem dormindo. Felizmente, era raro Florica subir até nosso quarto, pois ficava no topo de uma escadaria, e subir escadas fazia os joelhos dela doerem. Eu me perguntava o quanto Florica sabia, ou o quanto adivinhava. Ela deve ter percebido que sempre ficávamos muito quietas nas noites de Lua Cheia e que sempre estávamos cansadas quando descíamos para tomar café na manhã seguinte. Mas, se sabia de algo, jamais havia mencionado.

Durante o dia, fizemos o de sempre, tentando não levantar suspeitas. Paula ajudou Florica a cozinhar **ciorba** de peixe enquanto Iulia foi estocar sacos de grãos para o inverno com Petru. Iulia não gostava de fazer o trabalho duro da fazenda, mas, pelo menos assim, dizia ela, o tempo passava mais depressa. Tati estava ensinando Stela a ler: vi as duas enroscadas num canto quentinho da cozinha, desenhando letras na areia molhada.

Eu estava no escritório com papai, comparando uma série de pedidos com um registro de pagamentos. Era boa de matemática e sempre o ajudava nesse tipo de tarefa. Papai era mercador, sócio de seu primo, a quem chamávamos de tio Nicolae, e os dois trabalhavam muito. Gogu estava sentado na escrivaninha, perdido em seus próprios pensamentos, mas às vezes dizia algo com sua voz interior — aquela que só eu escutava.

*Você está chateada, Jena.*

— Hum — murmurei, sem querer iniciar uma conversa séria com ele enquanto papai e Gabriel, seu ajudante, estivessem ao meu lado. Minha família não acreditava que às vezes eu sabia o que Gogu estava pensando. Mesmo minhas irmãs, que há muito haviam aceitado o fato de que aquele sapo era diferente dos outros, achavam que eu estava me enganando, talvez colocando minhas próprias palavras na boca dele. Mas eu sabia que não era bem assim. Tinha Gogu desde pequena e as coisas que ele me dizia definitivamente não vinham da minha cabeça.

*Não fique triste. Hoje é noite de Lua Cheia.*

— Não posso evitar, Gogu. Estou preocupada. Agora fique quieto, ou papai vai me escutar.

Papai estava tentando escrever uma carta. Ele tossia sem parar e, entre um ataque de tosse e outro, lutava para recuperar o fôlego. Na manhã seguinte, viajaria para o porto de Constanta, local com o clima mais ameno da costa do Mar Negro. O médico lhe dissera que, se ousasse passar mais um inverno em Piscul Dracului, estaria morto antes que as primeiras flores surgissem nos carvalhos. Eu e minhas quatro irmãs iríamos tomar conta da casa sozinhas durante todo o inverno. É claro que tio Nicolae nos ajudaria com a parte comercial e Florica e Petru ajudariam com a casa e a fazenda. Não era a responsabilidade extra que me preocupava. Papai sempre viajava a trabalho e nós conseguíamos dar um jeito em tudo, embora as viagens jamais tivessem durado tanto tempo assim. O que me fazia sentir um frio na espinha era pensar que nossa despedida na manhã seguinte talvez fosse para sempre.

Permanecemos calados durante o jantar. Eu estava pensando sobre aquilo que papai confidenciara a mim e a Tati um pouco mais cedo. Até então, ninguém havia mencionado que ele poderia morrer, pois dizer isso em voz alta seria colocar o impensável em palavras. Mas papai queria que suas filhas mais velhas se preparassem para tudo. Explicara que, se falecesse antes que qualquer uma de nós se casasse e tivesse um filho, tanto Piscul Dracului quanto sua parte do negócio iriam para tio Nicolae, que era nosso parente masculino mais próximo. Não devíamos nos preocupar, dissera papai. Se o pior acontecesse, tio Nicolae cuidaria de nós.

A casa de tio Nicolae se chamava **Vârful**: o Cume da Tempestade. Era uma casa imponente que ficava no topo de uma colina, cercada por uma floresta de pinheiros e vidoeiros. Ele tinha uma fazenda muito próspera e vendia madeira, além de possuir a empresa mercantil que o deixara rico. Nós vivíamos na cidade de **Brasov** quando éramos pequenas, e as visitas que fazíamos a **Vârful** eram sempre maravilhosas. É difícil dizer o que eu mais amava no lugar: a floresta, o lago proibido ou a alegria de brincar com nossos primos mais velhos.

Quanto ao que papai mais amava, não havia dúvidas: ao lado de **Vârful** ficava Piscul Dracului, o Pico do Demônio. Papai era criança quando vira pela primeira vez aquele castelo abandonado e depredado num contraforte da montanha. Ele era um homem estranho e assim que batera os olhos em Piscul Dracului soubera que queria viver ali.

Ninguém tinha herdado o castelo ou o pedaço de floresta que fazia parte da propriedade; talvez as inúmeras histórias estranhas contadas sobre o lugar haviam assustado as pessoas. O dono morrera há muito tempo. Florica e Petru eram os guardiões de Piscul Dracului há anos, limpando os quartos vazios e conseguindo viver do que tiravam da fazenda, pois eram pessoas frugais e trabalhadoras.

Papai demorou bastante tempo para realizar seu sonho. Ele trabalhara muito, casara, tivera filhas, comprara e vendera, e economizara bastante. Quando juntara dinheiro suficiente das vendas de tapetes de seda e de pele de urso, especiarias e porcelanas finas, pagara uma enorme soma a um **voivode** influente, tornara-se sócio de tio Nicolae e nos levara para Piscul Dracului.

Acho que minha mãe teria preferido ficar em Brasov, pois tinha medo das histórias que o povo contava sobre o velho castelo. Ele parecia ter nascido da própria floresta, seus pedaços surgindo aqui e ali, por todos os cantos: torres grandes e rechonchudas, longas passarelas

cobertas, arcos e mastros. O nobre excêntrico que o construíra provavelmente fora um homem como papai. As pessoas raramente se aventuravam a entrar na floresta que rodeava Piscul Dracului. Havia um lago em meio às árvores cujo apelido era Água Morta, embora seu nome verdadeiro fosse mais bonito: **Taul Ielelor**, Lago das Ninfas. Todas as famílias tinham uma história terrível para contar sobre o Água Morta. A nossa aconteceu logo depois de nos mudarmos para o castelo. Quando eu tinha cinco anos, meu primo Costi — o filho mais velho de tio Nicolae — se afogara em **Taul Ielelor**. Eu estava lá quando aconteceu. As coisas que o povo diz sobre o lago são verdadeiras.

Antes de papai ficar tão doente, Tati e eu nunca tínhamos pensado no que aconteceria a Piscul Dracului se não houvesse um filho homem para herdar a propriedade. Minha irmã mais velha era uma sonhadora e eu tinha um futuro diferente em mente: um futuro no qual eu trabalharia junto com papai, viajando, comercializando e vendo o mundo. Casamento e filhos eram secundários no meu plano de vida. Mas agora, com a tosse de papai em nossos ouvidos e seu rosto pálido nos encarando do outro lado da mesa, havia se tornado uma realidade assustadora. Eu me lembrava de ouvir tia Bogdana dizer que dezesseis era a idade ideal para uma mulher se casar. Tati já completara dezesseis anos, e eu era só um ano mais nova.

Papai foi dormir assim que a refeição acabou; mal tocara na comida. Minhas irmãs correram para o quarto, mas eu esperei Florica apagar as brasas do fogão, Petru trancar a porta da frente e ambos irem se deitar. Ao ver que não havia mais perigo, subi a escada aos pulos, minhas preocupações esquecidas por enquanto, meu coração batendo forte com uma mistura de alegria e medo. Finalmente, era chegada a hora.

O longo quarto que nós cinco dividíamos tinha quatro janelas redondas de vidro pintado: uma lilás, outra vermelha, outra azul-escura e outra verde-clara. Lá fora, a Lua cheia flutuava no céu negro. Coloquei Gogu numa prateleira e ele ficou me observando enquanto eu tirava o vestido do dia-a-dia e botava meu vestido verde de festa, o qual meu sapo tinha uma predileção especial. Paula estava acendendo as lamparinas, pois íamos precisar delas em nossa jornada.

Até o maior dos quartos fica apertado quando cinco meninas estão dentro dele. Enquanto Tati fechava meu vestido, eu observava Iulia rodopiando na frente do espelho. Ela estava com treze anos agora, e seu corpo estava ficando curvilíneo como o de nossa mãe. Seu vestido era de seda, azul-cobalto, e seus cachos negros estavam presos com um laço de fita. Tínhamos aprendido a reaproveitar as mercadorias que sobravam dos negócios de papai ao longo daqueles anos. Ele era bom no que fazia, mas a compra de Piscul Dracului havia consumido boa parte de seu dinheiro e, apesar de ser sócio de seu primo rico, ainda estava se recuperando financeiramente. Eu via os livros-caixa todos os dias, e não fora possível esconder de mim que nosso dinheiro era contado. Tínhamos de improvisar. Fazíamos um vestido novo sempre que uma carga vinha com um pouco mais de tecido do que o comprador havia encomendado. Eu usava as roupas velhas de Tati e Paula usava as minhas. Iulia, por ser mais corpulenta, saía-se bem melhor, pois não cabia em nossas peças. Mesmo assim ela reclamava, pois gostaria de ter um guarda-roupa inteiro de vestidos lindos. Tati sabia costurar bem e ajustava os vestidos de mamãe. Nossa mãe morrera. Ela se fora quando nossa irmã mais nova nascera, Stela, que, por ter apenas cinco anos, era fácil de vestir.

Paula havia terminado de acender as lamparinas. Estava agachada na frente do pequeno braseiro que tínhamos em nosso quarto apagando o fogo e fechando bem a portinhola. Paula era um ano mais nova do que Iulia e era a mais estudiosa de todas nós. Eu era boa em fazer contas, mas ela era boa em tudo. O sacerdote de nossa aldeia, padre Sandu, vinha a Piscul Dracului uma vez por mês para dar aulas a Paula e voltava para casa com uma garrafa da melhor **tuica** de Petru no bolso do casaco. Eu também participava das lições de matemática. A maioria das pessoas acreditava que meninas não precisavam desse tipo de educação, mas papai jamais se importara com o que os outros pensavam. “Siga seu coração”, vivia dizendo.

— O que foi, Jena? — perguntou Paula, percebendo que eu estava observando-a. O calor do fogo tinha deixado seu rosto corado e seus olhos negros me encararam, atentos. Ela usava um vestido cinza, os óculos estavam pendurados numa corrente em volta do pescoço e os cachos castanhos presos numa bela trança.

— Você está bonita.

— Você também, Stela — eu disse.

Stela, nosso bebê, tinha as bochechas vermelhas e era pequena como um passarinho — um tordo, talvez. Seu cabelo, negro como o de Tati, era fino e macio, e estava preso com uma fita rosa, da mesma cor do vestido que Tati costurara para ela. Stela estava parada ao lado de um baú de carvalho, dando pulinhos de excitação.

— E o seu cabelo, Jena? — perguntou Tati enquanto abotoava o último fecho do meu vestido. — Está uma bagunça.

— Deixe para lá — falei, sabendo que ninguém ia me olhar enquanto ela estivesse por perto.

O vestido de minha irmã mais velha era azul-violeta, combinando com os olhos dela. O cabelo cascadeava pelas costas como um corte de seda negra. Tati não precisava de jóias, laços de fita ou qualquer tipo de enfeite. Ela era tão bela quanto uma perfeita flor do campo. Eu acreditava que uma fada bondosa estivera presente em seu batizado, pois Tati possuía o tipo de beleza que atrai todos os olhares e abre a mente para os sonhos.

Eu não ligava muito para minha aparência. Quando as pessoas falavam de nós cinco, sempre se referiam a Tati como a irmã bonita. Eu era considerada responsável e prática, isso quando percebiam minha existência. Meu cabelo era encaracolado e castanho, como o de Paula, e se recusava a fazer o que eu mandava; já meus olhos poderiam ser considerados cor de lama ou cor de folha seca. Meu corpo não tinha curvas como o de Iulia, embora eu fosse dois anos mais velha do que ela. Não havia nada de especial no meu vestido verde além do bolso que eu costurara para Gogu, já que ele precisava de um abrigo seguro quando ficava cansado ou chateado. O único ornamento que eu estava usando naquela noite era meu sapo, que estava sentado em meu ombro. *Você está linda, Jena. Como um lago num dia de verão.*

Tati atravessou o cômodo correndo para certificar-se de que a porta estava trancada. Então, sob a luz bruxuleante das lamparinas, nós nos dirigimos para o canto mais escuro do quarto: o lugar onde um dia, enquanto brincávamos à luz de velas, fizemos a mais espantosa descoberta de nossas vidas.

Arrastamos o pesado baú de carvalho para longe da parede e colocamos nossas lamparinas no chão de forma que sua luz iluminasse o pequeno côncavo onde o baú ficava, um buraco que não era grande o suficiente nem para guardar um cobertor dobrado.

— Andem logo! — disse Iulia. — Meus pés estão pedindo para dançar.

A primeira vez em que fizéramos isso em Piscul Dracului, quando eu tinha só seis anos e Stela nem havia nascido, fora uma noite em que Tati e eu estávamos entretendo nossas duas irmãs mais novas fazendo bichinhos de sombra na parede: coelhos, cachorros, morcegos. No momento em que nossas mãos se levantaram ao mesmo tempo para criar uma imagem qualquer na pedra, nós descobrimos o mundo secreto da floresta. Nunca soubemos se fora um presente

de alguém ou apenas sorte.

Não importava que tivéssemos feito aquilo inúmeras vezes; sempre havia uma sensação de estranheza e aventura. A cada Lua Cheia nossos corpos formigavam com aquela magia. A luz das lamparinas brilhava na parede. Uma por uma, nós esticávamos as mãos, cujas silhuetas apareciam na pedra. Uma por uma, falávamos nossos nomes num sussurro:

— Tatiana.

— Jenica.

— Iulia.

— Paula.

— Stela.

Por entre a sombra de nossos dedos esticados, uma estrela de cinco pontas surgia. O portal se abria. No lugar do pequeno côncavo, aparecia uma arcada e uma escadaria que serpenteava para baixo, até as entranhas do castelo. A passagem era muito escura. Na primeira vez que aquilo acontecera, quando éramos apenas quatro irmãs, seguramos as mãos umas das outras com firmeza, descendo devagarzinho, tremendo de excitação e terror. Para minhas irmãs, o medo desaparecera com o passar dos anos; não havia qualquer receio em seus rostos, apenas olhos brilhantes de ansiedade.

Comigo era diferente. Apesar do medo, a magia me atraía; eu atravessava o portal porque me parecia ser necessário fazê-lo. Havia forças misteriosas ao nosso redor quando estávamos lá, e a única certeza era que o poder da floresta era imprevisível. Era curioso: desde o primeiro momento eu sentira que, sem mim, minhas irmãs não estariam a salvo no Outro Reino.

Segurando as lamparinas, descemos devagar a escadaria, levantando os longos vestidos enquanto nossas sombras dançavam na parede de pedra. A escada tinha tantos degraus que eu tinha a sensação de que estava indo até o fundo de um poço. Gogu foi empoleirado em meu ombro até lá embaixo, onde havia outra porta em arco.

— Vamos logo! — exclamou Iulia, que estava na frente.

Nossas sapatilhas farfalhavam no chão de pedra conforme deslizávamos pela passagem sob um teto cheio de entalhes extravagantes. Aqui havia gárgulas, dragões e feras estranhas em número suficiente para decorar todos os castelos da Transilvânia. Os animais se penduravam nos cantos, rastejavam em torno das pilastras e caíam das arcadas do teto, observando-nos com olhos brilhantes e penetrantes. O musgo crescia em suas cabeças e ombros, suavizando suas formas angulares com capas verdes, cinzas e marrons. Na primeira vez em que vimos essa Galeria de Feras, Tati sussurrara: “Elas não são reais, são?”, e eu respondera:

“Cumprimente-as com um aceno de cabeça e siga em frente”. Tinha intuído desde o início que respeito e cortesia eram muito importantes para nos manter a salvo em lugares como aquele.

Ao atravessar a Galeria, senti algo pulando em meu ombro — o ombro que não estava ocupado por Gogu — e firmando-se nele, com garras afiadas como agulhas espetando minha pele por cima do tecido fino do meu vestido verde. A fera estava fazendo tudo o que podia para parecer um sapo, enrolando a cauda e esbugalhando os olhos enquanto olhava de soslaio para Gogu.

Meu sapo ficou tenso. *Intruso*.

A gárgula colocou para fora uma língua bifurcada e sibilou.

— Apaguem as luzes! — ordenou Iulia, e nós cobrimos as lamparinas com as mãos.

Os olhos começavam a se ajustar à súbita escuridão quando uma enorme e branca massa de água surgiu diante de nós: era a superfície coroada de névoa do lago, iluminada pela luz da Lua. Através daquela nuvem vaporosa, nós podíamos distinguir as tochas dos que estavam esperando para nos escoltar na fase final da jornada.

— Ooo-oo! — disse Iulia num tom descendente. — Ooo-oo!

Os barquinhos chegaram um a um, libertando-se dos grilhões da névoa — barcos graciosos e de proa bem alta, cada um na forma de um animal diferente: cisne, dragão, fênix, pato e salamandra. Em cada um deles havia uma criatura usando um longo bastão como remo, empurrando e levantando, empurrando e levantando. A resposta ao chamado de Iulia veio em cinco vozes, todas diferentes, cada uma mais fantástica do que a outra. Nossos guias eram o que eram; os únicos humanos ali éramos nós.

Os barcos atracaram e os barqueiros vieram nos ajudar a entrar a bordo. Meu sapo detestava essa parte. Ele começou a tremer de medo, um tremor frenético que percorria seu corpo todo. Eu estava acostumada: Gogu fazia isso sempre. Segurei-o contra o peito e, enquanto subia no barco, murmurei:

— Está tudo bem, Gogu. Você está seguro. Logo vamos chegar lá.

**Taul Ielelor**, o Água Morta. Era aqui que Costi havia se afogado. Nossa mãe nos avisara inúmeras vezes: não devíamos nunca ir lá, pois fazer isso era arriscar-se a sofrer a vingança das fadas que roubaram nosso primo. Mas, desde a primeira vez que o portal se abriu para nós, o reino que havia além dele se mostrara gentil e caloroso, recebendo-nos de braços abertos e com um sorriso de boas-vindas. Eu ainda tomava cuidado, pois não fazia parte da minha natureza confiar cegamente em ninguém. De qualquer maneira, era impossível acreditar que tinha sido uma daquelas criaturas que encontrávamos em nossas aventuras noturnas quem fizera nosso primo se afogar.

O povo do Outro Reino dava um nome diferente para o lago: na Lua Cheia, eles o

chamavam de Elo Brilhante. As águas do lago separavam o mundo deles do nosso. Assim que nossos pés tocavam os barcos, a magia do Outro Reino nos envolvia.

Tempo e espaço não eram o que pareciam naquele reino encantado. Em nosso mundo, para ir de Piscul Dracului até o Água Morta, era preciso andar bastante, fazer uma verdadeira expedição. Eu e Gogu já havíamos feito isso muitas vezes, pois o lago nos atraía apesar de nossos receios. Mas, na Lua Cheia, a jornada até **Taul Ielelor** era bem mais curta. Na Lua Cheia tudo era diferente, tudo ficava de cabeça para baixo e de trás para frente. Portas que permaneciam fechadas em outros dias se abriam, e os seres temidos pelos humanos se tornavam amigos. O Elo Brilhante era uma porta: não uma ameaça, mas uma promessa.

Era muito fácil perder a noção do tempo no Outro Reino e esquecer onde você estava e de onde tinha vindo. Essa podia ser aquela floresta tão conhecida, a mesma onde Petru cuidava da fazenda, onde tio Nicolae derrubava pinheiros para vender a madeira e onde nosso primo Cezar ia caçar no outono. Era a mesma, mas era diferente. Quando cruzávamos o Elo Brilhante, entrávamos num reino que existia no mesmo tempo e lugar do nosso mundo, com as mesmas árvores, colinas e rochas. Mas ele não era aberto aos humanos, a não ser aos sortudos o bastante para descobrir um portal e a maneira de abri-lo. O povo que vivia lá seguia leis que não eram como as nossas. Qualquer velho com histórias para contar sabia disso. Havia lendas sobre homens que atravessaram um portal, ficaram uma noite com o povo da floresta e, ao voltar, descobriram que cem anos haviam se passado, e que suas mulheres e filhos estavam mortos e enterrados. Havia histórias sobre gente que visitara a festa das fadas e enlouquecera. Quando voltavam ao mundo dos homens, eles só conseguiam vagar pela floresta até morrer de frio, fome ou sede. Havia ainda histórias de pessoas que entraram na floresta e simplesmente desapareceram.

Por isso, embora acreditássemos que tais tragédias jamais fossem acontecer conosco, pois os habitantes do Outro Reino sempre diziam que nos adoravam e que éramos bem-vindas, nós tínhamos criado regras de segurança. Se algo desse errado, as outras deveriam procurar a mim ou a Tati imediatamente, e deveriam fazer o que mandássemos sem discutir. Era proibido comer qualquer coisa enquanto estivéssemos no Outro Reino, e só podíamos beber da garrafinha de água que levávamos de casa. Era proibido sair da clareira onde dançávamos,

por mais que nos sentíssemos tentadas a explorar os caminhos banhados de Luar que adentravam a floresta. Devíamos tomar conta umas das outras. E quando Tati e eu disséssemos que estava na hora de voltar, ninguém podia protestar. Essas regras haviam nos protegido ao longo de nove anos de Luas Cheias. Já eram naturais para nós.

Os barcos começaram a deslizar pela superfície do Elo Brillhante e, quando cruzaram um ponto específico, o ar foi tomado por uma música doce e sussurrante. Enxames de criaturinhas que não eram nem insetos, nem pássaros, nem fadas rodopiaram em torno de nossas cabeças, formando uma faixa de boas-vindas viva para saudar nossa chegada. Seres subterrâneos com imensos olhos luminosos, mãos compridas, caudas escamadas e uma pele verde-azulada e brilhante nadavam ao lado das embarcações. Muitas criaturas viviam dentro ou ao redor de **Taul Ielelor**: seres que lembravam algas e que nadavam com o olhar sempre voltado para cima, para a superfície; e as fascinantes e pálidas Iele, de onde o lago tirava seu nome, com braços brancos que surgiam nas margens, nos salgueiros em torno do Água Morta ou em suas ilhotas. Se um homem descuidado estivesse passando por ali, elas tentariam atraí-lo e fazer com que se perdesse para sempre.

Conforme nos aproximamos da margem oposta, outras criaturinhas deixaram as ilhas em pequenos barcos para nos acompanhar, formando uma frota feita de cascas de noz, folhas secas e carapaças de besouro. Quando chegamos em terra firme o meu acompanhante — que tinha noventa centímetros de altura e quase o mesmo de largura e uma barba escarlate que ia até suas botas — me ajudou a descer. Ele fez uma profunda reverência.

— Muito obrigada — eu disse enquanto a gárgula voava do meu ombro e se escondia na grama.

— Encantado em lhe servir, senhorita Jenica. Espero que a senhorita retribua o favor.

— O senhor terá a primeira dança, é claro, senhor Anatolie — respondi.

O duende sorriu, revelando uma série de dentes incrustados com jóias.

— Garanto que conseguirei acompanhá-la, minha jovem. A senhorita gostará mais de mim como parceiro do que desse seu amigo verde e gosmento. Ele treme como geléia. Não reconheceria uma boa dança nem que ela estivesse embaixo de seu nariz.

Gogu parou de tremer imediatamente, e eu podia sentir a irritação tomando conta de seu corpo todo.

— Você o deixou chateado — expliquei. — Os sapos também têm sentimentos.

O duende fez outra reverência.

— Mil desculpas — disse ele, observando Gogu. — A noite vai ser interessante. Temos visitas. São os Seres da Noite, das florestas do leste.

Um arrepio de horror percorreu minha espinha e eu estaquei. A nossa frente, minhas irmãs e seus acompanhantes estavam desaparecendo no caminho largo, coberto de folhas e ladeado por árvores que levava até a clareira, seguindo o doce som de uma flauta. Os galhos das árvores estavam decorados com luzes coloridas na forma de pássaros, besouros e flores.

— Seres da Noite? — repeti, com a voz trêmula.

Fragmentos de histórias terríveis surgiram em minha mente. Histórias de sangue e violência, de atos cruéis e vingança.

— Não há com o que se preocupar — disse Anatolie casualmente.

— Há, sim! Nossa empregada Florica diz que eles aparecem de noite e mordem as pessoas que estão dormindo. Ela diz que a única coisa que eles bebem é sangue humano — retruquei, notando que minhas irmãs estavam longe demais para me escutar.

— Essa é a mesma Florica que disse que todos os duendes são ladrões e mentirosos? — perguntou Anatolie com os pés firmados no chão e as mãos nas cadeiras.

Ele estava vestindo uma capa que ia até os tornozelos e que era debruada com o que parecia ser pele de urso.

— Bom, é.

— A mesma Florica que disse que se você chegasse perto demais do Água Morta seria capturada pela rede mágica de Draguta, a bruxa da floresta?

— É, mas... os Seres da Noite, todo mundo diz que eles...

Decidi parar de falar. Anatolie tinha razão. Se eu jamais conhecesse nenhum Ser da Noite, era injusto julgá-los com base em lendas e histórias de terror.

— Você e suas irmãs estão a salvo aqui — disse o duende quando nós voltamos a andar. — Não foi a rainha da floresta em pessoa quem permitiu que comparecessem a esses festejos ao longo de nove anos de Luas Cheias? Acredite, se a proteção dela não se estendesse sobre vocês cinco, não estariam aqui agora.

— Não gostei nem um pouco de ouvir isso — disse, perguntando-me se ele queria dizer que nós teríamos tido o mesmo destino das pobres pessoas daquelas histórias: a morte, a loucura ou o desaparecimento.

— Os Seres da Noite não tocarão em vocês enquanto Ileana for rainha da floresta — disse Anatolie. — Acredite em mim.

— Obrigada — respondi.

Mas eu estava cheia de dúvidas. Não conseguia me lembrar de ter ouvido nada de bom sobre os Seres da Noite, e não queria conhecer nenhum deles. Eles jamais haviam estado na Clareira das Danças antes; pelo menos não enquanto estivemos lá. Pensei em alho, cruzes de prata e todo o resto que o povo usava para afastar as forças do mal. Não trouxera nada para proteger a mim ou a minhas irmãs.

Quando chegamos à clareira, a festa estava no auge. Um círculo de árvores cobertas de folhas amareladas protegia o local da dança, e em seus galhos havia ainda mais luzes. Elas lançavam uma iluminação acolhedora sobre os dançarinos em suas roupas brilhantes, cujos trajes, máscaras e jóias enchiam a clareira com um torvelinho de cores. Acima, deles, criaturas aladas seguiam suas próprias coreografias, algumas levadas por asas delicadas e diáfanas e outras por membranas quebradiças. Alguns convidados eram altos o suficiente para bater com as cabeças nas luzes, enquanto outros eram tão pequenos que era preciso tomar cuidado para não esmagá-los. Vi minha gárgula empoleirada num pé de azevinho, batendo as patas no ritmo da música e sorrindo serenamente.

Os músicos ficavam numa plataforma do outro lado da clareira, embaixo do maior carvalho. Os instrumentos eram os mesmos da banda da aldeia — flauta, tambor, gaita-de-foles, violino — mas com suas particularidades. Cada um possuía uma estranheza única. Não é qualquer tambor que emite poesia. Nem qualquer flauta que faz soar três notas ao mesmo tempo, cada uma se misturando perfeitamente com as outras. Quanto à gaita-de-foles, ela possuía um pouco da voz melancólica e profunda do bode cuja pele fora usada em sua fabricação. Já o violino cantava como uma cotovia.

O som dessa banda era inebriante, do nível de excelência que os músicos normais aspiram e que talvez atinjam uma vez na vida. Ele fazia os pés se moverem mais rápido, os corações se acelerarem, os rubores subirem às faces das pessoas. Até os mais tristes sorriam. Nós continuávamos a ouvir aquela música em nossos sonhos, dias após a Lua Cheia e nossa viagem ao Outro Reino.

Iulia já estava dançando, com os cabelos negros esvoaçando e um largo sorriso no rosto. Tati dançava mais discretamente, segurando a mão de Grigori, uma figura imponente com cabelos escuros muito longos e retorcidos. Dizia-se que ele era parente de Draguta, a bruxa da floresta.

Paula fora imediatamente conversar com seus amigos de sempre, um grupo de bruxas, astrônomos e profetas que vestiam trajes longos e esfarrapados e capas vaporosas que se enrolavam em seus corpos. Todos usavam algo na cabeça, fossem chapéus pontudos decorados com estrelas, gorros de feltro ou misteriosos capuzes que lhe escondiam os rostos. Estavam reunidos em volta da mesa embaixo de uma árvore e discutiam acaloradamente, movidos a um contínuo suprimento de **tuica**. Paula estava sentada no meio deles, fazendo largos gestos com as mãos conforme explicava uma teoria qualquer.

Stela estava com os pequeninos, perto dos músicos. Eles formavam dois círculos, indo

para dentro, para fora e para os lados numa coreografia particular. Alguns tinham asas, outros chifres, outros penas e outros escamas furta-cor. Tagarelavam como uma multidão de passarinhos conforme pulavam de um lado para o outro, mas mesmo assim conseguiam seguir perfeitamente os passos da dança. Todas nós havíamos começado ali mas, quando ficamos mais velhas, passamos a ser acolhidas por outras criaturas, levadas por outros barqueiros e autorizadas a conhecer melhor os freqüentadores do lugar. A Clareira das Danças tinha suas regras próprias.

A noite sempre se desenrolava da mesma maneira. A festa começava com quadrilhas, organizadas de forma a permitir que todos participassem, os grandes e os pequenos, os desajeitados e os ágeis, lado a lado. Nós participávamos daquilo desde nossa primeira visita ao Outro Reino, quando criaturas bondosas de todos os formatos nos pegaram pelas mãos e nos guiaram ao longo da coreografia. Não precisávamos mais disso, pois conhecíamos bem todas as danças. A primeira sempre era dançada com nossos barqueiros, pois era seu privilégio iniciar a noite conosco. Em dado momento, a rainha da floresta concedia audiências formais; essa era a oportunidade de dar as boas-vindas aos recém-chegados, receber pedidos e responder a perguntas. Depois a música mudava, e com ela o humor dos dançarinos. Então os casais dançavam devagar, flutuando em seus mundos particulares. Nessa altura minhas irmãs mais novas já estavam ficando cansadas, e nós nos sentávamos embaixo das árvores e ficávamos apenas observando, até que chegasse o momento da última dança — uma enorme reunião com todos os presentes para celebrar a Lua Cheia.

Então atravessávamos mais uma vez o Elo Brillhante e íamos para casa passar mais um mês trabalhando e sonhando.

A música já estava fazendo meus pés se mexerem antes mesmo de eu entrar na clareira. Peguei a mão do duende e nós dois começamos a dançar com vigor. O tambor acelerou meu coração; a gaita-de-foles parecia conversar com algo dentro de mim, dizendo “Mais rápido, mais rápido! Você está viva!” Anatolie apertou minha mão com força e nós corremos, saltamos, rodopiamos e chutamos o ar juntos. Gogu se escondera em meu bolso, onde estava a salvo de cair e ser esmigalhado pelos inúmeros pés que se movimentavam freneticamente. Quando a música cessou, tirei-o de lá e coloquei-o em meu ombro mais uma vez.

— Tudo bem? — sussurrei.

*Se você acha tudo bem ser sacudido para lá e para cá como um espanador de pó, então acho que estou bem, sim.*

Estudei a clareira enquanto meus batimentos voltavam ao ritmo normal.

— Onde estão os Seres da Noite? — perguntei a Anatolie.

— Eles vão chegar quando a Lua estiver mais alta, entre os galhos dos carvalhos maiores. Então vai vê-los em torno da clareira.

— Eles não dançam?

Anatolie sorriu.

— Aposto uma moeda de prata contra um pedaço de carvão que não conseguiria convencer um deles a dançar. Eles não se misturam. São um bando de deprimidos vestidos de preto. Não vêm para se divertir, mas para observar e avaliar.

Devido a um velho hábito meu e por ser a mais responsável, procurei minhas irmãs uma a uma para ter certeza de que estavam bem. Vi Stela do outro lado da clareira brincando de pega-pega com seus amiguinhos. Os que sabiam voar levavam grande vantagem. Iulia estava num círculo de rapazes e moças, habitantes da floresta. Quando eu vira aqueles seres pela primeira vez, achara que eram fadas, embora fossem bem mais altos e elegantes do que as fadas que eu imaginava na infância. Suas roupas eram feitas de folhas, teias de aranha, hera, cascas de árvore e penas, e seus rostos não eram exatamente humanos, algo um pouco assustador. Não havia sinal de Paula em lugar algum, mas eu sabia que ela ainda devia estar na mesa dos sábios.

Subitamente, um burburinho. Uma fanfarra foi tocada e todos abriram caminho para deixar passar uma mulher imponente cujo vestido parecia ser feito de gaze iridescente. Era Ileana, anfitriã daquela celebração e rainha do povo da floresta, atravessando a Clareira das Danças. As pessoas diziam que em sua coroa havia uma pena de cada pássaro que habitava seus domínios. Um passo atrás de Ileana estava um homem de cabelos dourados: Marin, seu consorte. Essa entrada grandiosa ocorria toda Lua Cheia. Atrás de Ileana e Marin vinha um grupo de pessoas que eu jamais vira antes.

— Aí estão eles — sussurrou Anatolie. — São carrancudos, não são?

Não achei os Seres da Noite carrancudos, apenas pareciam muito tristes. Eram

extremamente pálidos, com uma pele quase macilenta, e tinham olhos fundos, escuros e intensos. Todos estavam vestidos de negro. Os dois que vinham na frente eram os mais impressionantes. Os lábios da mulher eram finos e vermelhos como cerejas, não sei se por natureza ou por um artifício qualquer. Suas unhas haviam sido pintadas da mesma cor. Tanto ela quanto o homem que a acompanhava tinham feições aristocráticas: maçãs do rosto e maxilares bem definidos; narizes empinados e arrogantes; e sobrancelhas arqueadas e muito escuras. Formavam um belo casal. Ele usava uma camisa esvoaçante, calças apertadas e botas de cano alto; ela, um vestido justo cujo decote era bastante revelador.

Vi Tati em meio a um grupo perto de Ileana com os cabelos negros brilhando sob as luzes coloridas da clareira. A rainha fez um gesto para que ela se aproximasse e minha irmã obedeceu, fazendo uma profunda e graciosa reverência. Um segundo depois, Tati estava sendo apresentada aos recém-chegados. Senti um calafrio súbito. Quando Ileana dava tal atenção a alguém, nunca era para as menininhas humanas de Piscul Dracului, mas para os mais importantes habitantes do Outro Reino, como Grigori ou os profetas mais poderosos. O homem de botas de cano alto beijou a mão de Tati, num cumprimento frio. Então os Seres da Noite desapareceram sob as sombras das árvores.

Ileana e Marin não detinham realmente o poder do Outro Reino. Eles apenas comandavam as celebrações e resolviam pequenas brigas do povo da floresta. Ajudavam a vida cotidiana a seguir seu curso. Os habitantes do Outro Reino eram muito reservados quando perguntávamos sobre o lugar e suas regras, mas Paula descobrira algumas coisas na mesa dos sábios. Sabíamos que quem era o coração de tudo, quem possuía os mais antigos segredos e comandava a magia mais poderosa era Draguta, a bruxa da floresta. Draguta era mais antiga até do que Piscul Dracului. Ela vivia ali desde o tempo em que aqueles enormes carvalhos eram meros brotos. Draguta não freqüentava a festa da Lua Cheia. Ela ficava em seu covil na parte mais selvagem e menos acessível da floresta. Se alguém precisava lhe perguntar algo, era obrigado a tentar encontrá-la, pois ela não viria até a pessoa.

Uma vez eu ousara duvidar da existência de Draguta. Só uma vez. Um coro de exclamações horrorizadas e espantadas fora a minha resposta. “Não diga isso!” “Psiu!” Era como se a bruxa estivesse por toda parte, observando e escutando tudo. Draguta existia

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Dança da Floresta"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).